

**Zabriskie:  
Uma experiência no contexto da arte teatral em Goiânia – Goiás**

Ana Paula Teixeira\*

**Resumo:** Este trabalho objetiva analisar o percurso das montagens e cursos de iniciação teatral realizados pelo Grupo Zabriskie, da cidade de Goiânia, para o público infantil. O Zabriskie é uma companhia de teatro profissional, fundada por Ana Cristina Evangelista no ano de 1993. Ele tem desenvolvido um processo de estudo e prática do teatro que proporcionou conhecer e se apropriar, de forma particular, das técnicas e proposituras de Augusto Boal, do Lume, da Commedia dell'Arte, do Eugênio Barba, do Ilo Krugly, de Viola Spolin, entre tantos que vieram a construir a atual formação e propositura estético-pedagógica. Assim, essa pesquisa possibilitará conhecer como o estudo e o exercício do fazer teatral concretiza-se em uma singular estética de espetáculos e na metodologia de realização de cursos de teatro no Centro-Oeste brasileiro.

**Palavras chave:** Teatro – História – Goiás

**ABSTRACT:** This work aims to analyse the distance of the works of theater and courses of theatrical initiation offered by the Group Zabriskie, of the city of Goiânia, for the childlike public. The Zabriskie is a company of professional theater, established by Ana Cristina Evangelista in the year of 1993 . It has been developing a process of study and practice of the theater what it provided to know and to seize, in particular form, of the techniques and proposituras of Augusto Boal, of the Lume, of the Commedia dell'Arte, of the Eugênio Barba, of the Ilo Krugly, of Viola Spolin, between so many people that came to build the current formation and proposal pedagogic-aesthetically. So this inquiry will make possible to know like the study and the exercise of doing theatrical comes true in a singular aesthetics of shows and in the methodology of realization of courses of theater in the Brazilian Middle West.

**Keywords:** Theater – History – Goiás

A história do teatro em Goiás encontra-se em momento inicial de escrita<sup>1</sup>. Com exceção de autores como Zorzetti<sup>2</sup> (2005), raras são as publicações referentes a este teatro. A maior parte das produções deste assunto estão nos arquivos das universidades, foram desenvolvidas como pesquisas acadêmicas com circulação restrita.

Esse processo inicial de escrita é caracterizado por ações de pesquisa que buscam permitir a emersão de informações que até o presente momento passaram à margem dos registros oficiais e correm o risco de serem perdidas, bem como registrar o contexto atual da

---

\* PPGHIS UFU. Mestranda.

<sup>1</sup> Aqui considero obras de reflexão sobre a história do teatro Goiano. Por isso ressalto, a dramaturgia goiana tem vários autores que, ainda que não tenham todas as suas obras publicadas, em geral, muitas estão registradas na Biblioteca Nacional. Essa dramaturgia também tem origens diversas, desde obras com apenas um autor a textos que foram criados ou adaptados por grupos de teatro no desenvolvimento dos processos de montagem. Assim, limito as reflexões sobre as publicações sobre teatro goiano àquelas obras cujo objetivo é refletir sobre essa história. Deste ponto de vista, a dramaturgia, as produções cênicas, como qualquer tipo de produto advindo da atividade teatral são considerados como objetos destas obras as quais faço referência.

<sup>2</sup> Dramaturgo, diretor e professor de teatro da cidade de Catalão do estado de Goiás.

atividade teatral goiana. Ações como esta podem ser percebidas em projetos e redes de pesquisa que, em geral, estão vinculadas ao contexto acadêmico, como é o caso da *Rede Goiana de Pesquisa Performances Culturais: Memórias e Representações da Cultura em Goiás*<sup>3</sup>.

Os instrumentos que viabilizam essas iniciativas têm várias origens, desde relatórios de governo a personagens vivos que trazem consigo o testemunho dessa expressão artística. Diversas também são suas localizações, muitos documentos encontram-se no *Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central* (IPEHBC), da Universidade Católica de Goiás; no *Instituto Histórico e Geográfico de Goiás* (IHGG); em instituições de ensino; em patrimônios públicos e particulares, no domínio dos familiares ou do próprio profissional das artes cênicas. Como ressalta Marc Bloch, “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (Bloch, 2001: 79) logo, para conhecer e escrever a história do teatro goiano há a necessidade de nos debruçarmos nesses diferentes testemunhos.

Neste contexto, o grupo de teatro Zabriskie constitui-se representação essencial para a história desta arte em Goiás. É o grupo que manteve-se em contínua atividade, com proposta estético-pedagógica própria, por mais tempo, neste ano completa 16 anos de fundação. Desde sua criação, o grupo se preocupa em trabalhar com o teatro na perspectiva de “que o teatro, na sua essência, é uma arte que permite a construção de relações humanas no encontro verdadeiro entre as pessoas” (Evangelista, 2008).

Valorizando e vivenciando esse encontro, Evangelista (idem) acredita que este foi um dos caminhos que conduziu o grupo ao diálogo com a máscara mínima do palhaço e, conseqüentemente, com o lírico e o ridículo de cada participante. Foi assim que Alexandre Augusto e Ana Cristina Evangelista colocaram em cena os palhaços Juca Mole e Ana Banana, tentando contrapor a tristeza e a violência do mundo atual.

São justamente esses palhaços, Juca Mole e Ana Banana, que conduzem o público a vivenciar os espetáculos para crianças. Alguns espetáculos do grupo foram construídos antes da elaboração desses palhaços, sendo que a busca em perceber como essa máscara pode estar presente nos espetáculos infantis tem aproximadamente cinco anos. O espetáculo *Segredos* foi o primeiro a ser construído com as duas personagens, tendo em sua gênese, a presença da

---

<sup>3</sup> A *Rede de Pesquisa Performances Culturais: memórias e representações da cultura em Goiás* é formada por pesquisadores de várias instituições – Universidade Federal de Goiás, Universidade Católica de Goiás, Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Nacional de Brasília – que desenvolvem seus trabalhos em torno das temáticas relacionadas às performances culturais.

máscara mínima. Nos outros espetáculos, o estudo e utilização dessa máscara aconteceram após sua estréia.



Palhaços Juca Mole e Ana Banana  
no espetáculo *Segredos*

.As peças do grupo estão em constante processo de amadurecimento e reconstrução, o que é possível perceber tanto nos elementos de composição cênica, como na atuação e interação que os atores mantêm com o público.

Em geral, os textos dos espetáculos foram elaborados por Ana Cristina ou pelo grupo, de forma que seja com fontes de inspiração específicas ou com temas mais amplos, a obra criada traz a identidade do grupo, uma identidade que dialoga com o público, buscando, no evento teatral, proporcionar um encontro único para o público e para o grupo.

Além dos espetáculos, desde sua fundação o Grupo realiza cursos de teatro para crianças, nos quais “busca oferecer uma atmosfera amigável e segura de modo a contribuir com o desenvolvimento da criança. O lúdico, a fantasia e os jogos proporcionam uma ponte do jogo dramático natural da criança para o jogo teatral, formalizado” (Zabriskie, 2008). Os cursos são compostos por momentos de descontração, onde o grupo conversa, assiste a um filme curto, ouve uma história ou faz um lanche; pela vivência de brincadeiras populares e de situações de faz de conta, em que são propostas improvisações motivadas por histórias ou situações apresentadas pelas brincadeiras. Nestes, o grupo proporciona vivências que contribuem para o desenvolvimento do ser humano, o teatro como atividade educativa em si.



Participantes dos cursos de teatro explorando  
recursos de iluminação durante a improvisação.

Num ambiente em que o foco das montagens teatrais das principais companhias do estado de Goiás é comercial, sendo comum a montagem de espetáculos já consagrados, inspirados e copiados dos desenhos de Walter Elias Disney (Walt Disney), o grupo Zabriskie age justamente no contrapelo desse movimento. Lendas e outros elementos de nossa cultura tornam-se pontos de partida para a elaboração de espetáculos que, aliados ao conhecimento do teatro para crianças, influenciados num viés que segue o caminho traçado pelo diretor Ilo Krugly, são essenciais na composição de uma produção de qualidade na história do teatro goiano. O que diferencia este trabalho do que é realizado por outras companhias locais, que buscam vender um teatro que é apenas cópia simplificada de produções internacionais. O Zabriskie tem em seu repertório espetáculos próprios, dramaturgia e estética elaborada, que configuram uma identidade própria.

Partindo da concepção de teatro como *encontro*, Ana Cristina Evangelista, fundadora do grupo, sempre ressalta a importância das relações e das trocas proporcionadas por essa arte. É por isso que o grupo busca construir espetáculos e ensinar teatro valorizando a relação dos atores com o público, do professor com o aluno, no processo de construção do fazer teatral.

Esses quase dezesseis anos de experiência ofereceram várias possibilidades para realização de uma pesquisa do ponto de vista da história cultural. Considerando que o foco principal do grupo sempre foi o trabalho com o público infantil, vou me deter, na pesquisa que realizarei no mestrado, na análise dos espetáculos para crianças, que ainda estão em seu repertório, e dos cursos de teatro oferecidos para este público. Desses dois pontos (espetáculos e cursos), o aspecto que vou explorar detalhadamente é a relação entre a formação do profissional, observando como são elaboradas ou re-elaboradas as teorias no ponto de vista particular da vivência do teatro na cidade de Goiânia, e a configuração de como se constrói, nestas circunstâncias, a sua pedagogia.

Nos espetáculos para crianças produzidos pelo grupo os palhaços Juca Mole e Ana Banana são figuras ou narradores que se mantêm em todas as peças, assumem diferentes personagens para viverem as aventuras presentes em cada um dos espetáculos. Essas montagens têm sido apresentadas em creches, escolas, festivais, seminários, praças e teatros e continuam fazendo parte do repertório do grupo.

*Na Floresta da Brejaúva* – é uma peça em que Juca Mole e Ana Banana vivem e convidam a platéia a viver diferentes emoções, tentando descobrir o nome de uma fruta que dá em uma grande árvore (estréia 2004); *Chiquinha, a Fofqueira* estreou em 2006 – é uma trama que envolve intrigas de casal, juras de amor e decepções, vivenciadas pelos personagens Honório (marido), Chiquinha (esposa) e Valdemar Bezerra (apresentador); *“Luas e Luas”* – é

a história de uma rainha que vive várias aventuras buscando conseguir a lua, objeto de desejo de sua filha – esta é a montagem mais antiga do grupo, data de 1995 sua estréia; “*Quem Quer se Casar com o Rato?*” estreou em 2001 e é uma peça inspirada na música *Rato* de Paulo Tatit; e “*Segredos*” que é uma peça construída pelos segredos presentes nas vidas dos palhaços Juca Mole e Ana Banana, segredos que, guardados em diferentes caixas, são vividos novamente no momento em que cada uma é aberta. Este espetáculo estreou em 2006 e recentemente ganhou o prêmio Myriam Muniz, em Goiás.



Espectáculo *Na floresta da Brejaúva*. À esquerda o ator Alexandre Augusto saboreando uma fruta e à direita Ana Cristina Evangelista.



Espectáculo *Luas e Luas*. À esquerda a Rainha (Ana Cristina Evangelista) e à direita seu ajudante (Alexandre Augusto) na busca pela conquista do objeto de desejo da filha – a Lua.



Espectáculo *Chiquinha, a fofoqueira*. À esquerda Chiquinha (Ana Cristina Evangelista) e à direita o Marido (Alexandre Augusto).



Espectáculo *Quem quer se casar com o rato*. À esquerda o Rato (Alexandre Augusto) e à direita a Ratinha (Ana Cristina Evangelista). A máscara mínima do palhaço, neste espetáculo, está em processo de estudo, por isso ela está ausente.



Espectáculo *Segredos*. No palco, à esquerda Juca Mole (Alexandre Augusto) e à direita Ana Banana (Ana Cristina Evangelista) assistindo à projeção de momentos vividos pela dupla.

Desde a primeira vez que foram apresentados, os espetáculos passaram por várias modificações. Uma delas é que, mesmo os espetáculos inicialmente apresentados por mais de dois atores, atualmente são realizados pelos atores Alexandre Augusto e Ana Cristina Evangelista, que fazem, respectivamente, os palhaços Juca Mole e Ana Banana. Essa modificação foi motivada pelos estudos que estes atores realizam sobre a máscara do palhaço

e pela busca de perceber como essa máscara pode ser explorada nas diferentes situações vivenciadas nos espetáculos.

Logo é possível notar, na trajetória do grupo, que “(...) na história, toda a cultura surge como transmitida, e é no decorrer dessa transmissão que se une ao movimento interno que a leva à renovação” (Duby, 1998:407). Assim, a máscara do palhaço, que foi usada de diferentes formas em outros contextos teatrais, na concepção do grupo Zabriskie, dá vida aos palhaços que permitem aos espectadores o movimento de transição para as histórias que são vivenciadas em cada espetáculo.

Outro aspecto importante é que, tanto no processo de criação e montagem dos espetáculos como na orientação das aulas com crianças, o grupo tem a literatura infantil e os jogos e brincadeiras populares como importante alimento de sua metodologia.

Diante da atuação deste grupo, podemos identificá-lo de forma mais direta, relacionado à primeira acepção de cultura apresentada por Chartier (2006) ao afirmar que:

*As acepções do termo cultura[...] podem ser esquematicamente distribuídas em duas famílias de significações: a que designa as obras e os gestos que, numa dada sociedade, se subtraem às urgências do cotidiano e se submetem a um juízo estético ou intelectual; a que visa as práticas vulgares através das quais uma comunidade, qualquer que ela seja, vive e reflete a sua relação com o mundo, com os outros ou com ela própria (Chartier, 2006:33-34).*

Ao mesmo tempo, o grupo pode ser percebido como contemplado em duas das três categorias de cultura destacadas por Williams (2007). Assim, é possível considerar que o Zabriskie constitui-se elemento essencial da cultura goiana tanto em sua atuação como produtores de obras artísticas quanto como agentes atuantes na formação estética de apreciadores de arte. Para tanto, a presente pesquisa conta com fontes que envolvem tanto as referências utilizadas pelo grupo durante a realização dos seus estudos como bibliografia específica desta proposta de reflexão.

As referências do grupo são essenciais para que seja possível perceber como seus integrantes se apropriam de reflexões já realizadas e se percebem no contexto em que estão inseridos, cientes do conhecimento já elaborado sobre o fazer teatral. A bibliografia da proposta de pesquisa dialoga, em muitos aspectos, com as fontes do próprio grupo viabilizando a reflexão sobre a construção de sua pedagogia.

Logo, as fontes do grupo podem ser consideradas da seguinte forma:

- Publicações do/sobre o Grupo Zabriskie: por meio dessas fontes é possível perceber como o grupo se manteve atuante durante toda sua trajetória e, ao mesmo tempo, notar que a preocupação com o público infantil sempre foi ponto central visto que desde sua fundação,

tem oferecido cursos para crianças e a maior parte dos espetáculos do seu repertório destina-se ao público infantil.

- Bibliografia utilizada pelo Zabriskie para a formação de atores: em geral, no que diz respeito à atuação em espetáculos infantis, os estudos realizados pelo grupo foram direcionados para o trabalho com a máscara do palhaço, buscando perceber em cada fonte estudada, as contribuições para desenvolvimento desta máscara;
- A bibliografia para elaboração dos cursos e dos espetáculos: o grupo busca conhecer o teatro e a literatura que são elaborados para crianças, por meio da leitura de autores que abordam essa temática como Abramovich (1985 e 1997), Bettelheim (1980), Carneiro Neto (2003), e outros. Durante a realização dos cursos e nos ensaios, o Grupo Zabriskie explora de diferentes formas a literatura infantil como fonte de inspiração. Essa variedade de possibilidades é buscada em autores como Coelho (1997), Oliveira (1988) e Rodari (1982). Além das fontes já citadas, autores que falam sobre jogo, música e improvisação são importantes elementos para a construção de um ambiente favorável à criação teatral, por isso, estão presentes no processo de elaboração das situações a serem vivenciadas.

O grupo teve contato com estes autores que estão presentes em sua trajetória por meio de oficinas, encontros, cursos, festivais, assistindo aos espetáculos, lendo e estudando suas obras, experimentando, nos ensaios e nos cursos, as sugestões de vivências, tentando sempre conhecer o que é feito referente ao teatro com e para crianças. Em sua sede, na rotina de ensaios e estudos realizados com todos os integrantes do grupo, são socializadas as situações experimentadas por cada um.

Devido à dificuldade de recursos financeiros que viabilizem a participação de todos nesses eventos, eles se organizam para um ou mais integrantes do grupo participarem da oficina ou do curso e, posteriormente, socializar o que foi vivenciado. São, também, nesses diferentes momentos que compõem a rotina do grupo em sua sede – ensaios, treinamentos, debates, cursos – que acontece a reflexão, a apropriação e a reelaboração para o contexto teatral do estado de Goiás.

Pensando sobre a atuação do grupo Zabriskie e sua busca pelo aprimoramento artístico – nos estudos que realiza – percebe-se que ele tenta, justamente, superar algumas dificuldades que Bourdieu apresenta como determinantes da produção artística.

*(...) cada época organiza o conjunto das representações artísticas segundo um sistema de classificação dominante que lhe é peculiar, aproximando as obras que outras épocas separavam e separando obras que outros períodos aproximavam, de modo que os indivíduos têm dificuldades em pensar outras diferenças além daquelas que o sistema de classificação disponível lhes permite pensar (Bourdieu, 2007a, p.285).*

Nota-se que o grupo propõe superar a limitação das produções artísticas realizadas em sua época e contexto de fundação. Sua proposta estética é elaborada por meio da busca por conhecer o que foi elaborado em outras épocas e regiões. Nos espetáculos do Zabriskie vemos proximidade com as produções do Ilo Krugly (2000), ao mesmo tempo em que, na preparação dos atores e nos cursos, trabalham com elementos da Commedia dell' Art, dos jogos teatrais de Spolin (2001, 2005, 2007, 2008), princípios do grupo Lume de teatro, ou seja, alimentam-se em construções elaboradas em variados momentos, buscando ir além das limitações presentes em seu contexto específico.

A bibliografia específica da pesquisa envolve fontes que contribuem para minhas reflexões na busca por conhecer esse processo que proporcionou ao Zabriskie a construção e elaboração de uma estética própria, uma forma de aprender, ensinar e fazer teatro que tem uma relação bastante próxima com o público e o contexto no qual está inserido. É nesse diálogo das fontes do grupo com referências dessa proposta de reflexão específica que pretendo alcançar os objetivos propostos nesse projeto.

Assim, buscarei construir uma reflexão que traga um pouco da configuração sobre os estudos culturais que Cevasco (2007) já havia ressaltado em Williams:

*Quando feitos à maneira de Williams, os estudos culturais configuram-se como mais do que mera ampliação dos objetos dos estudos antes restritos à análise e à delimitação da grande arte. Sua novidade central está na demonstração do potencial cognitivo da crítica cultural. Como parte do princípios de que formações sociais e formas culturais são interconstitutivas, são expressões diferentes da mesma maneira historicamente de fazer sentido da experiência do vivido, ele pratica a análise dessas formas como um instrumento de descrição e de interpretação da sociedade que as molda (Cevasco, 2007: 16).*

Ao refletir sobre uma face da relação das formações sociais com as formas culturais, pois pensar o grupo Zabriskie é pensá-lo em seu contexto, estas formas devem ser percebidas como “um conjunto de signos e de símbolos” (Duby, 1998:405) cuja interpretação permitirá constituir um olhar para a história do teatro goiano. Este olhar se valerá das percepções oferecidas pelo simbólico, cuja importância já foi ressaltada por Leach ao afirmar que: “mais do que o aspecto econômico, funcional ou histórico das investigações acerca da cultura, seja o aspecto simbólico aquele que oferece uma perspectiva mais ampla de desenvolvimento futuro

a aberturas mais prometedoras” (Leach, 1985:133). Conhecer a propositura do grupo Zabriskie é um movimento de diálogo com a forma com que ele trabalha com o simbólico, presente tanto em sua arte como em seus cursos, na interação com seu público.

### Referências Bibliográficas

- ABRAMOVICH, F. *Quem educa quem?* São Paulo: Summus, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Literatura infantil: gostosuras e bobices.* São Paulo: Scipione, 1997.
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fada.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BLOCH, M. L. B. *Apologia da história, ou , O ofício de historiador.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas.* (Intr., Org., Seleç., e Trad.) Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CARNEIRO NETO, D. *Pecinha é a vovozinha!* São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.
- CAVASCO, M. E. Prefácio. In: WILLIAMS, R. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade.* São Paulo: Boitempo, 2007.
- CHARTIER, R. A “nova” história cultural existe? In: LOPES, A. H.; VELLOSO, M. P.; PESAVENTO, S. J. (Orgs). *História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações.* Rio de Janeiro: Casa de Rio Barbosa/7 Letras, 2006. p.29-43.
- COELHO, B. *Contar histórias: uma arte sem idade.* São Paulo: Ática, 1997.
- DUBY, G. A história cultural. In: RIOUX, J.-P.; SIRINELLE, J.-F. (Dir.). *Para uma história cultural.* Trad. Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1998. p.403-408.
- KRUGLI, I. *Histórias de lenços e ventos.* Rio de Janeiro: EDC – Editora Didática e Científica, 2000.
- LEACH, E. Cultura / Culturas. Trad. Rui Pereira e Miguel Serras Pereira. In: *Enciclopédia Einaudi / Anthropos – Homem.* v.5. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda. 1985. p. 102-135.
- OLIVEIRA, Maria Alexandre de. *Dinâmicas em literatura infantil.* São Paulo: Paulinas, 1988.
- RODARI, G. *Gramática da fantasia.* São Paulo: Summus, 1982.
- SPOLIN, V. *Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin.* São Paulo: Perspectiva, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Improvisação para o teatro.* São Paulo: Perspectiva, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Jogos teatrais na sala de aula: livro do professor.* São Paulo: Perspectiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O jogo teatral no livro do diretor.* São Paulo: Perspectiva, 2008.
- WILLIAMS, R. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade.* São Paulo: Boitempo, 2007.
- ZORZETTE, H. *A memória do teatro goiano.* Goiânia: Editora UCG, 2005.

### Sites

- AUGUSTO, A.; EVANGELISTA, A. C. <http://www.zabriskie.com.br/jucamole.php> - Em 02/08/2008.
- EVANGELISTA, A. C. [http://www.zabriskie.com.br/integrante\\_1.php](http://www.zabriskie.com.br/integrante_1.php) - Em 02/08/2008.
- ZABRISKIE. <http://www.zabriskie.com.br/cursos.php> - Em 02/08/2008.